

EDUCAÇÃO EM SAÚDE ACERCA DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM UMA ESCOLA ESTADUAL NA PERSPECTIVA DAS ACADÊMICAS DE ENFERMAGEM

Jessiely Karine de Souza Vieira (1); Anna Beatryz Lira da Silva (2); Clarice Nascimento da Silva (3); Laryssa Lins de Araújo (4).

¹Graduanda em Enfermagem. Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) – E-mail: siellykar1@gmail.com

²Graduanda em Enfermagem. Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) – E-mail: nnbeatryz@gmail.com

³Graduanda em Enfermagem. Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) – E-mail: cladantas0210@gmail.com

⁴Enfermeira. Docente da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: laryssalins13@icloud.com

Resumo: A educação em saúde é considerada uma promoção da saúde por meio da educação, que tem como objetivo construir e desconstruir concepções, ideias e conceitos acerca da saúde, dessa forma ela deve ser sistematicamente planejada, para que assim proporcione uma boa relação entre o educando e o educador. O ambiente escolar é um bom cenário para a promoção da saúde, pois abrange uma grande quantidade de indivíduos da sociedade. Este artigo teve como objetivo principal descrever a experiência positiva das acadêmicas do curso de enfermagem acerca de uma ação em Educação em Saúde que tinha como tema principal a violência dentro das escolas durante o segundo Mutirão da Rede Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (EBSERH), realizada no dia 31 de maio de 2017, no município de Cajazeiras - Paraíba. O público-alvo foram estudantes do sexo feminino que cursavam o ensino médio em uma escola estadual. As atividades foram desenvolvidas através do uso de metodologia ativas, de forma dinâmica promovendo maior interação entre as participantes e os discentes de enfermagem. A educação em saúde foi uma grande experiência para as acadêmicas de enfermagem, pois nos proporcionou um momento de ensino-aprendizado acerca da violência, e mostrou como é lidar com um público grande e fora do ambiente acadêmico. E o quanto é importante à promoção de uma educação em saúde por nós acadêmicos e futuros profissionais da área da saúde. Em relação à violência, a educação em saúde pode romper essas práticas através da informação, da reflexão sobre as experiências vividas e por meio da divulgação da rede de proteção contra a violência.

Descritores: Educação em saúde, Promoção da Saúde, Violência na escola, Violência contra mulher.

INTRODUÇÃO

A educação em saúde é entendida como uma prática que transforma os modos de vida dos indivíduos e da coletividade e, conseqüentemente, promove uma boa qualidade de vida e saúde. (MALLMANN, 2015). Inserindo no contexto da atuação da enfermagem como meio de estabelecer uma relação dialógico-reflexiva entre enfermeiro e cliente, em que este busque conscientizar-se sobre sua situação de saúde-doença e perceba-se como sujeito de transformação de sua própria vida (SOUZA, 2010).

A Promoção da Saúde, por meio de ações de educação, supõe que os indivíduos tenham mais controle sobre sua vida por meio das participações em grupo, que tem uma finalidade de transformar a realidade social e política. Assim, as ações educativas deixam de ser apenas uma atividade a mais nos serviços de saúde, para ser algo que reorienta a diversidade das práticas realizadas. (VASCONCELOS Apud RUMOR, 2010).

A educação em saúde enquanto processo pedagógico tem possibilidade de ajudar no desenvolvimento da autonomia intelectual, individual e coletiva do indivíduo. Envolvendo maior aproximação de adolescentes, considerando as particularidades de cada grupo, bem como, o entorno social de onde ele está inserido. (LEITE, 2014).

Vasconcelos et al. (2009), informa que as práticas educativas devem focar em uma problematização sistemática e na resolução da mesma, em um processo de diálogo em equipe, na perspectiva de buscar alternativas de transformação do processo de trabalho para o alcance de resultados mais efetivos e eficazes.

Violência é considerada como um ato de brutalidade, constrangimento, abuso, proibição, desrespeito, discriminação, imposição, invasão, ofensa, agressão física, psíquica, moral ou patrimonial contra alguém, caracterizando relações que se baseiam na ofensa e na intimidação pelo medo e pelo terror, violando os direitos humanos do indivíduo (DIAS, 2010).

A violência contra mulher é considerada como a maior causa de violência de gênero, visto que esse tipo de abuso se liga a posição desigual da mulher na sociedade, e ao “direito” que os homens têm de controlar seu comportamento e seus bens, uma vez que, se ele não consegue manter esse controle ou a mulher o desafia, ele provoca o ato de violência. Esse fenômeno envolve a interação de fatores individuais, relacionais, sociais, culturais e ambientais (JEWKES Apud LEITE, 2017)

Pensando nisso, foi criada a Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres que tem como finalidade estabelecer conceitos, princípios, diretrizes e ações de prevenção e combate à violência contra as mulheres, assim como de assistência e garantia de direitos às mulheres em situação de violência, conforme normas e instrumentos internacionais de direitos humanos e legislação nacional, vinculada a Lei nº 11.340/2006 (Lei Maria da Pena), que cria mecanismos para coibir e prevenir a violência contra a mulher (BRASIL, 2011).

A violência física e não física não se restringe ao domicílio dos indivíduos, ela está cada vez mais presente em lugares sociais, como as escolas. Nos últimos anos o índice de violência nas escolas cresceu exponencialmente, já sendo considerado um problema social que envolve toda a sociedade (SPOSITO, 2006).

Ações ou práticas desenvolvidas dentro das escolas podem ampliar o conhecimento e a compreensão de determinada situação como partes da prática. Uma das suas características é que enquanto se investiga os motivos, por exemplo, que levam a determinadas situações de violência, já se produzem intervenções sobre essa mesma realidade. O desafio é perceber que no mesmo cotidiano onde as situações de violência se expressam estão também algumas possibilidades de superação (LEITÃO, 2010).

Nessa perspectiva, o artigo torna-se relevante, considerando que as ações de educação em saúde são de suma importância, podendo contribuir tanto para formação profissional dos acadêmicos, quanto para aprimorar o conhecimento e fortalecimento da sociedade feminina sobre seus direitos e deveres acerca da violência.

O presente estudo tem como objetivo descrever a experiência das acadêmicas de enfermagem da Universidade Federal de Campina Grande, em uma ação de educação em saúde que buscou discutir a violência dentro das escolas.

METODOLOGIA

O trabalho é um estudo descritivo, do tipo relato de experiência que foi elaborado com base em uma ação de educação em saúde, realizada por acadêmicas de enfermagem durante o II Mutirão da Saúde, realizado pela Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (EBSERH) no dia 31/05/2017 em uma escola estadual da cidade de Cajazeiras no sertão da Paraíba.

A EBSERH teve como objetivo principal, promover uma parceria entre as instituições federais de ensino e os hospitais universitários, a fim de expandir as atividades além dos setores hospitalares. O 2º Mutirão da Saúde foi um grande evento, sendo realizado em todo país e em diversos locais como: hospitais, presídios, escolas, praças públicas, objetivando englobar toda a comunidade.

REALIZAÇÃO:



Para a realização da ação, contamos com 13 estudantes de Enfermagem da Universidade Federal de Campina Grande e uma professora orientadora da mesma instituição. Foram realizadas reuniões prévias para planejamento da ação.

A escolha de trabalhar a violência física e não física dentro das escolas se deu por este ser um ambiente que proporciona uma educação para o aluno, preparando-o para o futuro. De acordo com pesquisas e experiências, a escola é considerada um lugar que possui um alto índice de violência, sendo, na grande maioria, atos que envolvem estudantes do sexo masculino contra estudantes do sexo feminino, porém, vimos um índice de violência crescente entre meninas.

A metodologia escolhida para ser trabalhada foi o Método GV-GO, onde as estudantes foram divididas em dois grupos formando um círculo menor dentro de um círculo maior. O grupo que estava no círculo menor era o grupo de verbalização (GV) e o do círculo maior, o grupo de observação (GO). Enquanto o grupo GV relatava seus conhecimentos e experiências o outro grupo só observava. Após um tempo estipulado os grupos eram trocados, as alunas que estavam observando iriam verbalizar e vice-versa, para que todas pudessem se expressar sobre o tema.

Dentre os critérios de inclusão estavam, estudantes do sexo feminino que estivesse cursando o ensino médio, com idade entre 14 e 18 anos, que possuíssem o interesse em participar da ação, a fim de ampliar seus conhecimentos sobre a violência e relatar fatos que presenciaram. Nos critérios de exclusão estavam os estudantes do sexo masculino de toda a escola.

RESULTADOS E DISCURSÕES

Inicialmente, os acadêmicos passaram nas turmas fazendo o convite para a participação da ação que seria realizada no pátio do colégio. Em virtude do grande número de alunas, foram divididas em dois grandes grupos conforme o horário das mesmas.

Ao iniciar a ação foi oferecida a oportunidade as estudantes de expor seus conhecimentos sobre a violência, mas, era notória a timidez das mesmas. Nesse sentido, as acadêmicas optaram por fazer perguntas relacionadas a “o que você entende por violência?”, “já presenciaram algum ato de

violência?”, “quais tipos de violência você conhece?”, e então, as alunas começaram a interagir, havendo uma grande repercussão sobre o assunto, principalmente relacionado ao *bullying*.

Grande parte das alunas relataram atos de violência contra elas ou com alguém próximo. Nessa perspectiva, trabalhou-se “o que você faria/fez, diante desse ato?”, a maioria dizia que tinha certo medo de acontecer algo pior e que não sabiam o que fazer, além de que a violência passava despercebida pelas autoridades escolares. Houve um grande diálogo nessa percepção, entre as acadêmicas e as estudantes do colégio.

Ainda dentro da metodologia ativa, foram utilizados cartazes contendo imagens e mensagens sobre violência. Ao término das discussões, os discentes explicaram que cada aluna presente receberia uma mão de papel, onde deveriam escrever o que aquele momento havia significado para elas e como enxergavam a violência. O que nos deixou impressionados, pois as alunas escreveram sábias palavras e com forte sentido.

Notamos que grande quantidade das estudantes tinha certo conhecimento sobre todos os tipos de violência, e buscavam sempre explicar com exemplos relacionados a mulher. Com isso, houve um grande diálogo sobre a violência contra a mulher e sobre a igualdade de gênero, descrevendo qual papel que a mulher tem na sociedade, ressaltando que o lugar da mulher “é onde ela quiser”, segundo as estudantes do colégio. Nesse sentido, percebemos que as alunas buscavam o empoderamento e não se intimidavam com o machismo.

Houve relatos de casos onde o parceiro agredia a parceira por diferentes tipos de violência, algumas delas denunciavam o ato e outras não, pois essas últimas sofriam ameaças e não sabiam o que/como fazer diante desses casos. Nesse sentido, percebemos tanto uma falta de comunicação da escola com as estudantes acerca da violência, como uma falta de conhecimento das alunas sobre as leis que protegem as mulheres que são vítimas. Assim, as acadêmicas passaram as informações necessárias sobre a Lei Maria da Penha (lei que coíbe a violência contra a mulher), os possíveis números de disque denúncia e lugares onde tinham o acompanhamento de uma equipe multiprofissional.

Ao final da ação, uma das alunas que estava presente na atividade, nos procurou para relatar um caso de abuso sexual que foi vivenciado por ela durante uma fase de sua vida. A mesma relatou que não conversava com ninguém porque sofria ameaças do agressor. Após anos do acontecido a estudante conseguiu se abrir para alguém. Esse relato foi inesperado e comoveu todos os

acadêmicos de uma maneira inexplicável, pois sentimos uma confiança partindo da aluna, em busca de ajuda. Passamos palavras de conforto e informações da onde ela deveria buscar ajuda. Isso mudou a nossa perspectiva e nos ajudou como futuros profissionais da área da saúde, pois há inúmeros relatos de casos como esse e nosso dever é prevenir que esses casos não aconteçam, passando para as pessoas confiança para procurarem ajuda e se abrir diante desses e de outros casos que envolvam qualquer tipo de violência e contribuir para a superação dessas práticas.

A educação em saúde trouxe uma ampla abordagem sobre o assunto e mudou a nossa perspectiva na concepção que tínhamos sobre o conhecimento das alunas acerca da violência, no empoderamento das mesmas e na quantidade de casos que foram relatados, onde a maioria já tinha vivenciado.

Notamos que a violência ocorre tanto com meninos contra meninas, como meninas contra meninas, principalmente na violência moral e psicológica. E que a maioria dos alunos que presenciam o ato de agressão, principalmente verbal, acha “divertido” incentivando o agressor a fazer novamente. Nesse sentido, percebemos que é importante alertar as autoridades escolares, professores, coordenadores e diretores, de toda essa violência que acontece no ambiente escolar, para que eles promovam mais palestras e discursões sobre a violência, a fim de sensibilizar os alunos.

O uso das metodologias ativas nos deu a oportunidade de trabalhar de forma dinâmica, com grande interação, fazendo com que houvesse uma participação positiva das estudantes. Dessa forma, nos ajudou a repassar nosso conhecimento sobre a violência, e proporcionar um grande momento de ensino-aprendizado.

Diante de toda ação realizada, ressaltamos que a educação em saúde foi uma grande experiência, pois contribuiu de forma significativa para o desenvolvimento pessoal, e principalmente acadêmico e profissional das estudantes de enfermagem. Tendo em vista que como futuros profissionais da área da saúde, a educação em saúde deve ser inserida diariamente em nossas práticas. Mostrou-nos também como é trabalhar com outro público fora do ambiente acadêmico e a importância de conhecer os relatos que foram abordados, pois, percebemos o quanto a violência está inserida em toda sociedade e, ainda, com pouca visibilidade. E que há uma escassez em relação a divulgação das redes de atenção que protegem as mulheres que são vítimas de

violência. Portanto, nós, acadêmicas de enfermagem, devemos falar sempre da violência para todos os públicos.

CONCLUSÃO

Consideramos que a violência contra a mulher ainda ocorre de forma frequente e que vem aumentando nos últimos anos, acontecendo em toda sociedade, incluindo dentro das escolas. E que as mulheres apresentam uma grande dificuldade em se abrir sobre o caso, devido ao número de ameaças que mesmas sofrem.

De modo geral, a aceitação da nossa ação foi muito positiva, visto que as alunas participaram ativamente da mesma. Destacando o uso das metodologias ativas que ofereceram uma interação de forma dinâmica, facilitando assim o ensino-aprendizagem oferecido pelas acadêmicas. Acreditamos que a educação em saúde nas escolas, pode contribuir para o rompimento das práticas de violência através da informação, da reflexão sobre as experiências vividas e por meio da divulgação da rede de proteção contra a violência.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Presidência da República. **Política nacional de enfrentamento a violência contra as mulheres**. Secretaria Especial de Políticas para Mulheres/Presidência da República. Brasília: Secretaria Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres, 2011. [Acesso em 15 de setembro de 2017] disponível em: <<http://www.spm.gov.br/central-de-conteudos/publicacoes/publicacoes/2011/politica-nacional>>

DIAS, M. B. **A Lei Maria da Penha na Justiça: a efetividade da Lei 11.340/2006 de combate à violência doméstica e familiar contra a mulher**. 2. ed.. São Paulo, SP: Revista dos Tribunais, 2010. 284 p. [Acesso em: 15 de setembro de 2017] disponível em <<http://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/revjuridica/article/viewFile/2153/1428>>

LEITÃO, C. **Elaborando um projeto local para enfrentar a violência na escola**. In: ASSIS, SG. CONSTANTINO, P., and AVANCI, JQ. org. Impactos da violência na escola: um diálogo com professores [online]. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/ Editora FIOCRUZ, 2010, pp. 235-260. ISBN 978-85-7541-330-2. [Acesso em: 15 de setembro de 2017] disponível em <<http://books.scielo.org/id/szv5t/pdf/assis-9788575413302-11.pdf>>

LEITE, C. T.; VIEIRA, R.P.; MACHADO, C.A.; QUIRINO, G.S, MACHADO, M.F.A.S. prática de educação em saúde percebida por escolares. **Cogitare Enfermagem**, 2014, 19 (Enero-Marzo): [Acesso em: 15 de setembro de 2017] disponível en: <<http://sociales.redalyc.org/articulo.oa?id=483647660002>> ISSN 1414-8536

LEITE, F. M. C. et al. Violência contra a mulher em Vitória, Espírito Santo, Brasil. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 51, 33, 2017. [Acesso em: acesso em: 18 de setembro de 2017] disponível em <http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102017000100223&lng=en&nrm=iso>.

MALLMANN, D. G, NETO, N. M. G.; SOUSA, J. C.; VASCONCELOS, E. M. R. **Educação em saúde como principal alternativa para promover a saúde do idoso**. *Ciência & Saúde Coletiva*, 2015. ISSN 1413-8123 [Acesso em: 15 de setembro de 2017] disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=63038653012>>

RUMOR, P. C.F.; BERNES, I.; HEIDEMANN, I.T.S.B.; MATTOS, L.H.L; WOSNY, A. A promoção da saúde nas práticas educativas da saúde da família. **Cogitare Enfermagem**, vol. 15, núm. 4, outubro-diciembre, 2010, pp. 674-680. [Acesso em: acesso em: 15 de setembro de 2017] disponível em < <http://www.redalyc.org/pdf/4836/483648973012.pdf>>.

SOUSA, L.B.; TORRES C.A.; PINHEIRO P.N.C.; PINHEIRO, A.K.B. Práticas de educação em saúde. **Rev. enfermagem**. UERJ, Rio de Janeiro, 2010 jan/mar; 18(1)55-60. [Acesso em: acesso em: 15 de setembro de 2017] disponível em: <<http://www.facenf.uerj.br/v18n1/v18n1a10.pdf>>.

SPOSITO, P.M. **A Instituição Escolar e a violência**. Faculdade de Educação da USP-FEUSP. São Paulo, 2006. [Acesso em: acesso em: 15 de setembro de 2017] disponível em <http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/spositoescolaeviolenca.pdf/at_download/file>

VASCONCELOS, M. et al. Módulo 4: **práticas pedagógicas em atenção básica a saúde. Tecnologias para abordagem ao indivíduo, família e comunidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG – Nescon UFMG, 2009. 70 p. [Acesso em: acesso em: 15 de setembro de 2017] disponível em <<https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/1704.pdf>>

I CONGRESSO BRASILEIRO

em Violência na Perspectiva da Saúde Pública: Experiências e Desafios

e

CONGRESSO REGIONAL

em Violência na Velhice: Abordagem em Saúde Pública

REALIZAÇÃO:    